

---

# O PONTO



Projeto de extensão de estudantes e professores do Curso de Letras da  
UNILAB/BA

---

## Ano novo, vida nova, velhas questões e segue O Ponto!

2022 começa, mas 2021 parece não ter terminado! Na verdade, com o calendário inconveniente da UNILAB, não terminou mesmo e nem está perto disso, pois estamos com nossas aulas de graduação ainda finalizando o primeiro semestre de 2021, o que em muito tem causado constrangimentos a estudantes e professores. Aquela sensação de “virada de ano” ainda não passou por aqui, trazendo o sentimento de renovação, de novidades e de esperanças. E veja bem, prezades leitores, temos a consciência de que tudo isso não passa de imaginação, invenção midiática que alimenta as intenções mercantis. No entanto, não há como negar que nos faz bem mentalmente, psicologicamente e fisicamente. E não tivemos isso também em 2021!

A ideia de “férias de verão”, que não é uma característica meramente brasileira, desperta em todos a possibilidade de um aproveitamento da vida ao ar livre na estação do ano que mais favorece esse prazer. Mesmo em tempos de pandemia, com os números de casos subindo novamente, a vacina tem nos provado a todes que consiste sim em poderosa arma contra o vírus, basta que vejamos que os óbitos não têm aumentado na mesma proporção dos novos casos. Na verdade, os casos graves que têm aparecido, na sua maioria, se referem a pessoas que, por razões negacionistas, não se vacinaram de forma apropriada. Pessoas que colocaram outras pessoas em risco. Pessoas que arriscam suas próprias vidas!



Tem sido particularmente difícil entender as pessoas nesses tempos conturbados. Isso tem nos exigido bastante, a ponto de colocarmos em questão qual o maior de nossos problemas: o vírus ou as pessoas? Muitos são os apelos para que não haja aglomerações, e elas acontecem apesar dos riscos, nas quebradas, favelas e subúrbios, mas também nos clubes, em festas particulares regadas a muito dinheiro e irresponsabilidade. Máscara? Muitos não usam, outros protegem seus queixos com elas. Parece que as pessoas se preocupam muito mais em combinar a máscara com a roupa do que em combinar com a vida, com não matar! E as incoerências das pessoas podem ser vistas com bastante evidência: não pode aglomerar para se divertir, mas pode pegar transporte lotado para trabalhar; não pode realizar trabalho presencial por conta da biossegurança, mas pode ir à praia, festas, viajar de avião e postar foto em redes sociais; não pode ter carnaval de rua, mas festas privadas com ingressos impagáveis são permitidas; não pode ter Lavagem do Bonfim, Festa de Santa Bárbara e de Yemanjá, mas pode ter jogo do Bahia com estádio cheio – que agora não pode mais, mas em dezembro podia. A lista é longa, o descaso é imenso e a maior consequência disso tudo recai sobre as próprias pessoas, uma vez que essas incoerências levam à descredibilidade quanto ao vírus, à pandemia, aos governos e desgovernos, à própria vida!



No entanto, seguindo a sabedoria de Paulo Freire, é preciso ter esperança, no sentido real de “esperançar”. É preciso agir pedagogicamente a todo momento para que haja a mudança que desejamos, pois ela não virá de um “salvador” da pátria, mas da união dos atos esperançosos de cada uma e cada um de nós. Temos condições de, a partir de nossas condutas e conversas, explicar as melhores formas de lidar com o vírus e com as pessoas, buscando caminhos possíveis e justos. Temos a possibilidade de sonhar com uma universidade que atenda, cada vez mais e melhor, à sua missão e seus objetivos, fornecendo a todos, indiscriminadamente, condições de ensino, pesquisa e extensão de qualidade. Temos em nossas mãos as ferramentas necessárias para revertermos a situação nacional em busca de formas mais justas e equânimes de governo, incluindo, acolhendo e respeitando toda e qualquer pessoa neste país. Precisamos, na verdade, parar de nos colocar em risco, de desrespeitar a vida de nossos semelhantes, parar com disputas de poder incabíveis, de alimentar o ego de poucos e unir nossas energias contra os inimigos comuns, que são maiores a tudo e sempre se beneficiam de nossa desagregação.

Nesse contexto, apesar das velhas questões, O Ponto se renova em 2022, tanto em sua equipe, quanto na condição de Projeto de Extensão, com bolsista remunerado e voluntários, com vontades ainda mais pretenciosas, planos incríveis e muita energia para somar aos que tem sede de reais transformações. O calendário nos desestimula, mas a esperança não! O desgoverno nos desanima e desarticula, mas nossa vontade democrática nos fortalece sempre! Falsas lideranças manipulam alguns, mas a informação de qualidade, a formação digna e a união nos fornece formas estratégicas de resistência, luta e defesa.

O Ponto, filho da pandemia, segue em mais um ano de existência, de resistência política e de esperanças freiriana... Venha ser um “dos nossos e das nossas”! Venha pontuar também!

Alexandre Silveira



# Caminhos percorridos nas quatro estações: o experienciar da pandemia

Carla Verônica Albuquerque Almeida  
Professora do Curso de Pedagogia –  
UNILAB/BA

Verão de 2019...

Adentramos na estação do SOL, atraídos pelo seu brilho, seu calor, seus encantos e magia. Encontros, festas, sorrisos leves estampados no rosto, coração aberto para os sonhos, como nos convida o Grupo Roupas Novas na “Canção de verão” (1981):

É verão  
Bom sinal  
Já é tempo  
De abrir o coração  
E sonhar [...]

Um tempo para sonhar com o Ano Novo, estabelecer metas e renovar as esperanças piores a serem descortinadas, concretizadas... Mas, eis que como um raio que desponta do universo, muitos sonhos foram adiados, postergados; outros... quiçá seriam consolidados.

Tudo isto porque em um continente distante, um horizonte incógnito de mudanças se desvelava sorratamente, ampliando-se em um curto espaço de tempo em todo o planeta, com uma celeridade que desnorteou a humanidade. Uma crise de proporções desenfreadas se instalava e abria as portas para muitas incertezas, angústias, medos, presentificados cotidianamente frente ao ‘desconhecido’, incidindo diretamente como uma ‘roda-viva’ que fez o tempo rodar num instante, nas nossas dinâmicas pessoais e sociais, como nos alerta Chico Buarque (1986),

[...] Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá  
Roda mundo, roda-gigante  
Roda-moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração [...]

O movimento da roda-viva deu muitas voltas, não apenas no ‘meu coração’ e na minha vida, mas na vida de tantas outras pessoas no mundo, alterando diversas relações, em diferentes contextos. A mídia já havia noticiado a chegada do Novo Coronavírus ao Brasil; e de forma muito rápida, o que inicialmente nos assustava, foi tomando forma e se agigantando universalmente. Impossível não pensar na ameaça contínua, a qual estávamos submetidos diante dessa nova realidade.

A todo instante, os meios de comunicação e as redes sociais anunciavam o crescimento de casos de contaminação e de óbitos. Cuidados com a higiene pessoal, com alimentos e utensílios se intensificaram, máscaras se tornaram peças de vestuário obrigatórias... Como cumprimentar as pessoas diante de tantos receios? Abraços e beijos representavam ameaças... Como conduzir a vida frente a esta situação? Como equilibrar os nossos pensamentos que por vezes insistiam em nos atormentar diante do medo? O afeto se transformou em transporte para a doença, em meio à expectativa e esperança de que em breve, pudéssemos sair desta situação tão obscura... O isolamento imposto nos conduziu a um deserto social – afetivo, necessário para nos preservar e consequentemente preservar a vida de tantas outras pessoas.

Cuidados redobrados tornaram-se frequentes com os familiares, especialmente os idosos. A inquietação, as dúvidas, a preocupação... invadiram o meu ser. Preciso cuidar ainda mais dos meus velhinhos... Meu pai havia saído recentemente do hospital, após idas e vindas ao longo de oito meses de apreensão e sofrimento. Preciso ter cuidado comigo mesma... Fui diagnosticada antes da pandemia com uma doença autoimune: PTI (Púrpura Trombocitopênica Imunológica), decorrente da baixa de plaquetas, a qual venho tratando com um hematologista. Enfim, meu trânsito se resumia a ir à casa de meus pais, à farmácia e ao supermercado a cada quinze dias, ou pedir remédios e compras pelo delivery, dispensar provisoriamente a diarista...

Destarte, entre subidas e descidas que a vida me apresenta, foi necessário dar novos contornos as minhas demandas pessoais e profissionais. Ter alguém que precisa ser isolado em casa não é fácil! Estar próxima e ao mesmo tempo distante... Que loucura!! Procedimentos sanitários de lavar, esterilizar alimentos, objetos e o ambiente com frequência; situações nem sempre comuns, causavam estranhamento. Como lidar com toda esta situação e ainda ter que continuar as atividades profissionais, acadêmicas?





As águas de março vão fechando o verão e dando lugar ao outono, que para além da sua beleza estampada nas folhas que se metamorfoseiam, do seu clima de nostalgia, nos conduzia a cuidados maiores, mais alertas e cuidadosas(os) diante das restrições que se avolumavam. Mas não podemos perder a esperança!! Esperança do verbo esperar e não de esperar, como já dizia nosso saudoso Paulo Freire (2014). Esperança de que as águas de março ao fecharem o verão, nos tragam promessas de tempos melhores, como poeticamente Tom Jobim (1974) nos fala...

São as águas de março fechando o verão e a promessa de vida no seu coração [...].

É pau, é pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um caco de vidro, é a vida, é o Sol  
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol  
É peroba do campo, é o nó da madeira  
Caingá, candeia, é o Matinta Pereira  
É madeira de vento, tombo da ribanceira  
É o mistério profundo, é o queira ou não queira.

[...] É pau, é pedra é o fim do caminho

Em meio à pandemia, atravessei pau e pedra e por várias vezes questioneei se era o fim do caminho... Me senti um toco e sozinha... na solidão que me transporta imagneticamente a tantos lugares, sonhos, projetos, a tantas demandas... Os raios do sol ainda presentes no outono, reenergizaram as minhas forças, meus pensamentos, minha vida. Diante deste mistério profundo, precisa decidir o que queria e o que não queria, refletir sobre possibilidades e impossibilidades... A parada era inevitável! Segurei no laço, peguei anzol e, mesmo tombando na ribanceira diante de tamanha tragédia, alimentei a promessa de vida no meu coração, elevando pensamentos e vibrações para o universo.

Vibrações que se intensificaram com a chegada do inverno, o qual anunciava um amplo e vertiginoso crescimento da pandemia em nosso país e conseqüentemente a necessidade de um maior isolamento. A voz de Tim Maia ressoa aos meus ouvidos: “Quando o inverno chegar... eu quero estar junto a ti [...]”. Que contrassenso: como estar junto das pessoas que mais amo, que mais tenho afeto, se precisava redobrar os cuidados não apenas comigo mas, com as outras pessoas? Confesso que experimentei certo esfriamento de algumas esperanças... Ainda teríamos uma longa jornada com este vírus presente em nossas vidas...

Como querer ‘estar junto a ti’ com uma avalanche de perdas físicas de pessoas queridas: pai, mãe, avó, tios, primos... Não necessariamente pela Covid 19, mas creio Eu que, senão de morte natural ou por complicações outras; pelo adoecimento mental, psicológico que direta ou indiretamente esta situação nos impunha. Perdas sucessivas que ainda nos entristecem, nos tocam, nos atravessam...

No turbilhão deste cenário, a única Amiga que encontrava era Teresa. Minha Amiga Irmã!!! Por morarmos no mesmo condomínio e por saber que ela também estava atenta aos cuidados necessários neste momento de isolamento, abríamos as portas das nossas casas. Sem beijos, abraços, e sentadas com certo afastamento, trocávamos ideias, falávamos dos nossos medos, expondo as nossas angústias. Nos acolhíamos...

Um momento singular nestes nossos encontros foi quando fui surpreendida com um telefonema da minha amiga irmã, no dia 10 de setembro, logo de manhãzinha... Com a voz embargada e profundamente triste, compartilhou a notícia do falecimento de sua mãe, Dona Teresa. As lágrimas corriam pela minha face ainda incrédula com o que acabara de ouvir. De imediato a memória foi acionada, trazendo-me recordações dos momentos em que desfrutei da alegre e doce companhia de Dona Teresa quando estive em Salvador. Imagens do seu sorriso, da sua fala mansa, afetuosa e do desejo por uma cervejinha gelada que Ela adorava!! Não tenho dúvidas de que o Universo ganhou infinitas alegrias com a sua presença!!!

A doutrina Espírita da qual sou seguidora, me conduz a crença na continuidade da vida no plano espiritual. Estamos aqui, na ‘escola do mundo físico’ de passagem... para aprendermos por meio das diversas e diferentes situações que atravessamos na dimensão terrestre. A pandemia que estamos atravessando é um momento único, que nos desafia e ao mesmo tempo nos convoca a uma ‘parada necessária’ para refletirmos sobre nós mesmos, desacelerarmos, pensarmos mais no próximo,... Divaldo Franco em sua obra “No Rumo do Mundo de Regeneração” (2021, p. 19), afirma que “[...] estamos passando por uma grande transição, em que o planeta passará da condição de mundo de provas e expiações para o mundo de regeneração”. Acredito que nada disso está acontecendo em vão e que as muitas aprendizagens por mim adquiridas com a Doutrina Espírita, na busca da minha reforma íntima contribuem significativamente para o aprimoramento da minha condição humana e espiritual.



Destarte, a cada dia venho me reinventado em todos os sentidos e refletindo nas palavras de Guimarães Rosa (1986, p. 15), “[...] que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão!”. Ao reconhecer que esta diversidade me compõe e me atravessa por diferentes histórias, vou me identificando e reafirmo para mim mesma de que a união dessas pluralidades pode possibilitar uma sociedade mais justa, consciente, humana e equânime.

Envolta nesta dinâmica reinventiva, foi necessário reorganizar as minhas dinâmicas acadêmicas: reuniões, grupos de pesquisa e acompanhamento de orientandas(os). No final de agosto, a universidade decidiu que retomariamos as atividades letivas. A expectativa de trabalhar com aulas remotas síncronas e assíncronas não me assustou, mas demandou uma reestruturação dos componentes curriculares, frente à nova realidade.

Finalmente chegou o dia tão esperado por mim!! Um misto de sentimentos prazerosos tomou conta de todo o meu ser ao entrar na sala virtual e (re)encontrar ainda que virtualmente, as estudantes e os estudantes!!

Setembro chega, já se vão sete meses vivendo neste cenário... A primavera se aproximava com suas nuances intensas, cheiros, sabores e coloridos. Fiquei a pensar nos versos de Nando Reis (2020) que ressoaram na minha mente, reforçando a crença de que na “outra ponta” deste turbilhão, teremos sempre alguém a nos dar a mão e sempre alguém a quem devemos estender as nossas mãos...

Espera a Primavera  
Se apronta  
Que no fim das contas  
Na outra ponta  
Vai ter alguém  
Pra lhe dar a mão [...]

Nesse movimento, estendi não apenas as mãos, mas o olhar, a escuta, o sorriso, para amigas mais próximas, as quais não via desde o início da pandemia. Assim, combinamos pelo whatsapp, o dia e o horário para o nosso reencontro por meio do Google Meet, dentre outros que se sucederam. Regado a boas conversas que oscilavam com narrativas permeadas por sentimentos experienciados na pandemia, não podiam faltar, é claro, um bom vinho ou uma cervejinha gelada!! Momento pleno de satisfação!!!

Para além destes encontros, reiniciei as aulas de Yoga, as seções de meditação e as doutrinárias no Centro Espírita duas vezes por semana por meio de plataformas digitais. Um movimento que me permitiu e permite adentrar no Meu Jardim - Vander Lee (2005). Fui limpando a casa, meu quartinho interior... decidindo: o que podar e o que cultivar?

Tô relendo minha lida, minha alma, meus amores  
Tô revendo minha vida, minha luta, meus valores  
Refazendo minhas forças, minhas fontes, meus favores  
Tô regando minhas folhas, minhas faces, minhas flores  
Tô limpando minha casa, minha cama, meu quartinho  
Tô soprando minha brasa, minha brisa, meu anjinho  
Tô bebendo minhas culpas, meu veneno, meu vinho  
Escrevendo minhas cartas, meu começo, meu caminho  
Estou podando meu jardim  
Estou cuidando bem de mim

Imersa entre as flores, fui relendo de mim mesma, tentando colocar as coisas no seu devido lugar... Retirei os espinhos necessários, revi posturas, reavaliei valores, minhas relações, refazendo as minhas forças, bebendo minhas culpas e refletindo sobre o que de fato faz sentido. Adubei o solo, regando minhas folhas, minha face, minhas flores, coração e mente. Prossigo na caminhada, escrevendo minhas linhas e entrelinhas, meu caminho novo, cuidando bem de mim.

O verão aproxima-se novamente, lançando os raios esperançosos do Sol, que insistem em nos convidar a continuarmos firmes na esperança de iluminar o fim do túnel, como nos convida Marisa Monte (2021):

Lá vem o sol  
Para derreter as nuvens negras  
Para iluminar o fim do túnel  
E a luz do céu  
Para inspirar o seus desejos  
Pra fazer você encher o peito e cantar

Nesta dinâmica, continuo percorrendo as veredas da minha caminhada, percorrendo as quatro estações, acreditando que mesmo sendo difícil e diante do(s) sacrifício(s), A VIDA VAI MELHORAR!!





Se liga nessa

# CPLP A nossa semelhança é a nossa caraterística comunal

Nicandro Indi  
Estudante do Bacharelado  
Interdisciplinar em  
Humanidades

O título parece tão excludente... esquisito! Porém a sua reverberação é grande e relevante. Trata-se de variáveis semelhantes existentes entre os países da CPLP – a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa -, exceto com relação à Portugal. A temática tem como objetivo refletir sobre as identidades destes Estados, sem desconsiderar as realidades histórico-culturais que se estabeleceram mutuamente.

Conhecida como CPLP, a Comunidade é uma organização cujo maior objetivo jaz na questão histórica-cultural que une os seus membros: a língua portuguesa. Ora bem, neste texto veremos algumas explícitas e notáveis relações semelhantes acendidas por fatores histórico-culturais que não apenas limitam-se à língua portuguesa.

Você já parou para instigar sua percepção quanto às relações semelhantes que possuem os países colonizados nesta integração? Há uma certa relação intrínseca com grandes estigmas, com exceção de Portugal. A nossa semelhança é a nossa caraterística comunal, ou seja, quero dizer que, fora o aspecto linguístico, são alavancas algumas semelhanças entre os estados-nação que, até um certo ponto, são iguais a todos. Com base nisso, gostaria de acarretar três semelhanças caraterizáveis.

A primeira semelhança caraterizada refere-se ao fato de que todos estes países foram colonizados pelos portugueses. Apesar de que a proporção comportamental do colonizador, em cada país, tenha se manifestado de forma diferente, na maioria destes países o colonialismo provocou muitos embates. Em muitos destes territórios, foi necessário que guerras fossem travadas para o alcance de suas independências e liberdade. Isto é, a guerra contra o imperialismo e a dominação portugueses.

A segunda semelhança caraterizada são os hinos nacionais destes países. Percebe-se que nos hinos compostos em cada país, há termos que se repetem, revelando ideias em comum. Isto é, Há palavras que são encontradas em quase todos os hinos destes países, a saber: liberdade, pátria amada/bela, terra/solo, sol, unidade/união, frutos/flor, vamos vencer, certeza/esperança, revolução/contra, dentre outras. As confissões aqui referidas possuem muito peso na sua hermenêutica, apresentando qualidades significativas no que tange ao panorama da colonização e ao ideal de soberania.

Por outro lado, tais expressões são tomadas como desafios, havendo algumas que expressam a preponderância dos valores que constituem estes países. Algumas expressões despontam a capacidade poderosa e gloriosa do instrumento da “união”, que gera esperança na luta contra o poder colonial e imperial. Os hinos elencam ainda os achaques da alegria pela conquista da liberdade e o sonho efetivo para um futuro próspero.

A terceira e última semelhança caraterizada vem enfatizando a importância da questão da bandeira nacional de cada país, em especial a semelhança existente quanto às cores presentes nesses símbolos nacionais. A bandeira é conhecida como maior símbolo da representação do país, assim como os hinos, representando a nação em qualquer lugar e em quaisquer circunstâncias. A construção simbólica das bandeiras está ligada diretamente com uma leitura primordial dos hinos, perpassando e mesclando a identificação das cores. Dessa forma, produz-se leituras significativas do que cada bandeira expressa, reforçando o sentido e as interpretações possíveis do que se pretende dizer sobre cada nação a partir de seus símbolos maiores.

A semelhança das cores pode gerar uma característica comunal, mas as interpretações podem ter horizontes díspares. No entanto, são identificadas as seguintes cores recorrentes: a cor amarela - que é encontrada praticamente em todas as bandeiras destes países; a cor verde - entre os oito países colocados, ela aparece em quatro países; a cor branca, que aparece em cinco bandeiras; a cor vermelha, que aparece em sete, exceto na bandeira do Brasil, e; a cor preta, finalmente, encontra-se em seis dentre as oito bandeiras. Interessante notar também que a figura da “estrela” abrolha fluentemente em todas as bandeiras, em maior ou menor quantidade.

Com estes dados, não vislumbro uma visão monista da interpretação, visto que as cores, às vezes, carecem da interpretação unitária, dependendo assim de cada localidade. Todavia, pude estender que as relações que estas cores plasmam com as expressões trazidas nos hinos supostamente oferecem sentimentos holísticos das mesmas. Considerando que toda essa semelhança existe, não se justifica a não rivalidade política entre os países ou a ponderação em termos de jogos de interesses políticos. Porém, os países quadrilhados aqui devem refletir nos seus valores histórico-culturais com o intuito de maximizar cada vez mais suas estratégias a fim de favorecer a integração entre eles.

É preciso, portanto, primar pelas parcerias e acordos, levando em consideração seus passados históricos, sem descartar também suas prioridades nacionais, não se deixando levar por valores pelos quais, hoje, se sentem ostentados e polivalentes. A língua é instrumento que une primordialmente esta relação, mas não só. Existem semelhanças que estes Estados possuem, que podem favorecer em muito seu desenvolvimento em conjunto. Minha simples descrição e opinião.



Quer saber mais sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa?

Acesse <https://www.cplp.org/>

**Como você vê a ideia de "Lusofonia" na UNILAB?**

Envie sua resposta para [jornaloponto@unilab.edu.br](mailto:jornaloponto@unilab.edu.br) e concorra ao sorteio de um livro.



Núcleo de Línguas e Linguagens  
do Campus dos Malês

# O Campus dos Malês apresenta o seu Núcleo de Línguas e Linguagens



A partir de fevereiro de 2022, o Campus dos Malês contará com um Núcleo de Línguas e Linguagens (NULIM), órgão complementar ao Instituto de Letras e Humanidades (IHL), que ofertará às comunidades externa e interna da UNILAB uma série de cursos eventuais e regulares, além de oficinas formativas e eventos extracurriculares. O NULIM marca mais um avanço nos esforços que a Diretoria do Campus dos Malês e a Diretoria do IHL têm empenhado para reforçar os propósitos da Missão da UNILAB.

O objetivo principal do NULIM é ser um espaço universitário que abarca projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão na área em termos de Linguagens e Culturas que possam apoiar e complementar a formação ofertada pelos cursos de graduação e pós-graduação da universidade, bem como atuar como grande parceiro na formação complementar para a comunidade externa, no que diz respeito aos aspectos cultural, humano e científico. O NuLiM consiste também em um espaço de formação continuada para docentes das redes públicas e privadas.

A coordenação do NULIM é, hoje, composta pelos professores Alexandre Cohn da Silveira e Giana Targanski Steffen, ambos do Colegiado de Letras do IHL, contando também com um Conselho Gestor interdisciplinar formado por docentes de formação variada. A equipe tem trabalhado no sentido de organizar suas atividades ainda de forma remota, por conta da situação pandêmica vigente, pensando em ações de curta e média duração, que ocorrerão tanto de forma ocasional, quanto com oferta regular. Nesse sentido, estão sendo pensadas ações dos projetos de extensão existentes na UNILAB, como oficinas, rodas de conversa, mesas redondas, exibição de filmes e estudo das mais variadas formas de linguagem. Também estuda-se a oferta de cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE), de Libras, de línguas estrangeiras (africanas e outras), dentre diversas outras possibilidades. O NULIM vai abrir suas atividades no próximo dia 03 de fevereiro, às 19h, com o evento virtual “Uma noite com Timor-Leste”, quando será lançado o livro “Timorização do Passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste”, escrito pelo Prof. Daniel de Lucca (UNILAB). O evento contará com atividades culturais relacionadas com Timor-Leste, além da presença do Embaixador de Timor-Leste no Brasil, Sr. Olímpio Branco. Esse evento será transmitido no canal do NULIM no YouTube. Certamente um momento imperdível!

Para maiores informações sobre as atividades do NULIM, basta seguir o Instagram @nulim\_unilab\_ba ou enviar email para nulim@unilab.edu.br



## Fatores que motivam os jovens guineenses a estudar no exterior.



Malam Seide, licenciado em ciência política e Relações Internacionais pela universidade Lusófona da Guiné, e com diploma do curso básico da língua portuguesa, cultura e literatura brasileira.

A questão relacionada ao tema deste texto motiva a uma tamanha expressão de descontentamento quando colocada à camada juvenil guineense. A maioria desses guineenses sente-se condicionada a deixar o país para estudar no exterior, fundando suas decisões, sobretudo, nos fatores políticos, económico e social. Este último como consequência exata do primeiro.

Durante seu encontro com o presidente do parlamento guineense e da CPLP, Cipriano Cassama, no quadro da preparação da Quinta Assembleia parlamentar da CPLP, José Rui Carço, embaixador de Portugal acreditado na Guiné-Bissau, proferiu uma declaração que merece destaque. Quando questionado a respeito das reivindicações dos estudantes Guineenses a respeito da demora na concessão de vistos de estudo aos mesmos, disse que “a Guiné-Bissau é o país com mais pedidos de vistos de estudo entre todos Estados membros da CPLP”. Isso demonstra que o maior número dos jovens Guineenses tem a motivação de estudar no exterior (em Portugal, mas não só) por falta de condições de estudos que o país propõe neste momento, entre outras motivações.

É de salientar que o primeiro fator relacionado com o assunto é o fraco nível do ensino em toda trajetória estudantil guineense. Nisso consta as sucessivas greves de professores constatadas durante os anos letivos e que condicionam o cumprimento dos programas científicos e, conseqüentemente, reflete na fraca preparação dos próprios estudantes, mesmo depois da formação.

É lógico afirmar que um aluno sem um bom aproveitamento das matérias estudadas terá sempre enormes dificuldades para enfrentar os desafios impostos diariamente pela globalização. Num país onde o próprio Estado motiva mais os mais jovens a irem estudar forra em vez de construir universidades, em que todas as bolsas de estudos lançados pelo Ministério da Educação nacional são destinadas para o exterior, as condições de vida estudantil internamente não são nada favoráveis. O País não dispõe de nenhuma universidade estatal e conta apenas com universidades privadas que também carecem de recursos em diferentes áreas de formação, assim como de ferramentas de apoio aos estudantes como bibliotecas e laboratórios. Isso sem contar que o preço dos livros são muitos elevados e os estudantes têm enormes dificuldades de ter acesso a alguns artigos científicos. Portanto, não se pode esperar muito desses estudantes, e é um desejo de todos e todas chegar na camada mais alta de sua formação com capacidades à altura de poderem estar mais preparados para responder aos desafios do dia da dia, para melhor servir ao seu país.

Um outro assunto que é extremamente importante nesse aspeto é a não valorização dos diplomas obtidos no país. Isso é o motivo pelo qual a maioria dos jovens que têm a formação superior em diferentes universidades do país está desempregada. O Estado, assim como outras instituições do país (privadas não só), dá mais atenção e valor a diplomas obtidos no exterior.

Dessa forma, todos estes fatores – e mais outros – contribuem para uma motivação de jovens a estudar no exterior. Por isso não só deve ser este um assunto a preocupar os jovens, mas também o Estado guineense no seu todo. E como disse o pai da nacionalidade guineense, Amílcar Lopes Cabral, “jovens são força e motor para o desenvolvimento de um Estado”.



**Tá  
Rolando!**

# PROJETO DE EXTENSÃO “EMANCIPA MALÊS: ESTRATÉGIAS INTERNACIONALISTAS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA UNILAB”

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Criada no ano de 2010, por meio da lei federal nº 12.289, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) é uma instituição de ensino superior pública brasileira, que atende ao propósito de promover o desenvolvimento de pesquisas, de ensino e de extensão universitária por meio de uma estratégia de integração entre o Brasil e os demais países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos (nomeadamente Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), além do Timor Leste (país situado no sudeste asiático). A sede dessa universidade pública federal encontra-se no estado do Ceará, mais especificamente na cidade de Redenção (CE), onde se localizam os campi de Redenção, Auroras e Palmares. Além da sede, a UNILAB conta com um campus fora de sede, situado no município de São Francisco do Conde (BA), o qual pertence economicamente à região metropolitana de Salvador (BA) e culturalmente ao Recôncavo Baiano. Justamente no campus da Bahia, denominado Campus dos Malês, está localizada a sede do projeto de extensão “Emancipa Malês: estratégias internacionalistas de educação popular na UNILAB”.

A partir de contatos entre a coordenação nacional da Rede Emancipa, a coordenação da Rede Emancipa Angola, a coordenação da Rede Emancipa de Cabo Verde e a coordenação da Rede Emancipa Guiné-Bissau, compreendemos ser muito oportuna a promoção de iniciativas de educação popular que contassem com as mesmas características do projeto de integração da UNILAB, ou seja, que pudessem contemplar partilhas de saberes produzidos por diferentes povos, particularmente afro-brasileiros e africanos, em uma perspectiva decolonial e antirracista, com vistas ao acesso à universidade pública, gratuita e de qualidade. Esse projeto em comum dos diferentes núcleos da Rede Emancipa em África e no Brasil, particularmente em sua vertente que se dedica à promoção do acesso à universidade, é que dá origem à Rede Emancipa Malês.

Assim sendo, a Rede Emancipa Malês, ainda em fase de implementação de seu cursinho popular, propõe-se a oferecer oficinas de redação, de interpretação de texto e de conhecimentos específicos para estudantes que tenham interesse em cursar a universidade pública e que se encontram nas cidades circunvizinhas ao Campus dos Malês (nomeadamente São Francisco do Conde, Santo Amaro, Candeias, Madre de Deus, Saubara), em diversas cidades da Guiné-Bissau, na cidade de Luanda (Angola) e na cidade de Praia (Cabo Verde). O acesso aos conteúdos ocorrerá por meio de vídeo-aulas disponibilizadas pelo canal da Rede Emancipa Malês no youtube, bem como as oficinas síncronas ocorrerão por meio do Google Meet. Além disso, haverá ainda momentos presenciais em cada território, coordenados pelo núcleo local, a fim de que se oportunize a realização de círculos de cultura. O acesso à UNILAB se dá por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para estudantes brasileiros/as e por meio do PSEE (Processo de Seleção de Estudantes Estrangeiros), realizado anualmente nas embaixadas de cada um dos países parceiros. Mais especificamente sobre o PSEE, é oportuno salientar que os/as estudantes são submetidos a provas de redação, de interpretação de texto e de conhecimentos em matemática. No que se refere à prova de redação, igualmente é oportuno destacar que ela apresenta características semelhantes à redação do ENEM, na medida em que conta com temáticas de ordem social pertinentes à sociedade em questão, cuja análise requer uma compreensão crítica da realidade.

A Rede Emancipa Malês começou suas atividades oficialmente em agosto de 2021 por meio de sua aprovação como projeto de extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, isto é, sem bolsa ou nenhum tipo de financiamento. Entretanto, em setembro de 2021, abriu o edital de seleção do PIBEAC (Programa de Bolsa de Extensão e Ação Comunitária), para o qual submetemos o mesmo projeto, tendo sido considerado aprovado (com colocação final em sétimo lugar, após ter concorrido com projetos de extensão de todas as áreas da universidade). Assim sendo, a partir de 2022, contaremos com uma bolsista remunerada, que, entre outras funções, contribuirá de forma decisiva para a articulação entre estudantes de diferentes países e para a divulgação da universidade e do cursinho popular.

Desde agosto de 2021, algumas ações internacionalistas já ocorreram e que lograram um êxito por nós inesperado. Em setembro, promovemos o primeiro encontro de formação de educadores/as populares, com mais de 200 participantes de diferentes nacionalidades, incluindo alunos/as e egressos da UNILAB. Uma parcela significativa desses educadores/as engajou-se na Rede Emancipa Malês, participando dos demais encontros formativos e disponibilizando-se voluntariamente a ministrar as oficinas, a contribuir com as correções de redação, com as tarefas de mobilização etc.

Em meados do segundo semestre de 2021, a partir justamente das formações de educadores/as populares, a Rede Emancipa Guiné-Bissau nasceu e já participou de forma decisiva da inscrição de candidatos/as guineenses ao PSEE. Após a homologação das inscrições, promovemos uma oficina de redação para esses/essas estudantes inscritos no PSEE, a qual representou um momento de debate muito especial e potente. Havia em torno de 25 estudantes online simultaneamente, considerando um fuso horário de três horas de diferença do horário brasileiro e considerando o acesso escasso e caro à internet na Guiné-Bissau.

Reconhecemos que a Rede Emancipa Malês contará com muitos desafios, entre eles: a necessidade de encontrarmos espaços que oportunizem aos/às estudantes assistirem às vídeo-aulas online e participarem das oficinas síncronas e/ou presenciais em diferentes territórios (principalmente nas comunidades remanescentes de quilombos de São Francisco do Conde e de Santo Amaro, em Luanda, em Cabo Verde e em diferentes regiões de Guiné-Bissau), na medida em que a internet ainda representa um dos grandes expoentes de desigualdade de acesso, sobretudo em função do recorte social e racial; o respeito aos diferentes fusos horários (entre todos os países da CPLP, pode haver uma diferença máxima de cinco horas); a necessidade de constante estímulo aos/às estudantes que, provenientes da classe trabalhadora, encontram-se mais empobrecidos/as em função das graves crises econômicas internacionais, também agravadas pela pandemia de covid-19; etc.

Entretanto, por outro lado, temos observado que, por mais que haja desafios, o projeto internacionalista da Rede Emancipa tem se mostrado muito pertinente, na perspectiva da decolonialidade. Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau partilham da necessária luta por educação popular. Respeitando as devidas proporções, trata-se de países que comungam de uma herança colonial, a qual promove desigualdades sociais gravíssimas, alicerçadas em uma estrutura racista e machista. Isso posto, as populações pobres encontram-se alijadas do direito à educação superior, que se mantém historicamente como privilégio das elites hegemônicas. Desse modo, por meio da iniciativa da Rede Emancipa, acreditamos ser possível articular estudantes de diferentes nacionalidades e pertencimentos étnicos em um sonho comum: as lutas pelas independências na ordem do ser, do saber e do poder (QUIJANO, 2005).



**emancipa**  
**malês**  
**MOVIMENTO SOCIAL**  
**DE EDUCAÇÃO POPULAR**



# O KRIOL NA CULTURA POPULAR GUINEENSE

Galileu Gomes Indi

Bacharel em Humanidades e Licenciando em História pela  
UNILAB  
Pós-graduando em Estudos Africanos em UNEB

O kriol é um dos atributos mais característicos da guinendadi (elementos que influenciam na construção permanente da nação bissau-guineense). Chamamos a guinendadi um conjunto de aspectos singulares da cultura guineense. Esses aspectos são vernáculos das diferenças de etnicidade do povo guineense. O kriol ou criol, crioulo em português, constitui um tecido de unidade nacional, um espaço de entretenimento e campo de diversão.

Não existe a data de nascimento para uma língua, ela é uma construção constante. Porém, no caso de criol guineense, podemos remontar o seu surgimento a partir do século XV. Com a chegada dos portugueses na costa da Guiné, implementou-se o sistema de trocas comerciais nos portos. Havia mescla de pessoas de diferentes 'etnias' com necessidades de negociarem os seus produtos. Assim, vai nascer uma língua original, o criol. Doravante, o criol vai proliferando rapidamente e tomando a cor nacional.

A sua expansão lembra o passado colonial de uma sociedade múltipla e diversa. Sem embargo à sua difusão, vai atingir "o apogeu" com as movimentações que marcaram as vésperas do início da luta armada para libertação nacional. É composto por diferentes componentes linguísticos: lexicais, fonéticos etc, carregando um valioso valor semântico denotado na sua forma de expressão, na oralidade, na musicalidade, nos provérbios, nos adágios, nas superstições, nas metáforas, no teatro, no drama, no cinema e sobretudo na mitologia. É o caso de Nsulém, que refere ao deus pepel da chuva (Ossula).

O kriol encontra em grupos de Mandjuandadi, grupos de Tina e entre outros, o seu meio de expansão na atualidade, constituindo a sua exterioridade com muitos elementos novos. É uma língua fascinante, um autêntico transmissor das ondas de emoções. Ele é de facto um apelo à unidade nacional, aquele sentimento de guinendadi e de patriotismo guineense. O kriol nos lembra de que aquilo que nos une é maior que qualquer outra coisa. Que o que nos une tem ainda espaço para nos unir. É a memória da unidade, da luta, da resistência e do progresso que se projeta para o futuro.

É uma criação local misturada com elementos da língua da terra de Dona Maria da Fonte, como dizem alguns, uma herança cultural que recebemos pela transmissão das mulheres e homens 'balentis'. 'Criol i no lingu' por si só representa a capacidade de criação cultural do povo bissau-guineense. Constitui o mecanismo performativo de fluir no espaço social de guinendadi, inserindo-se no companheirismo ao ritmo da comunidade. O kriol atravessa o lírico e o idílico, nos momentos delicados e nas situações extremas da vida, é amiúde evocado com todo o ser, enquanto a mais profunda forma de expressão.

É uma língua que se expende e que se adapta a diferentes realidades. Acredita-se que em cada localidade é falada numa modalidade (variante, versão) diferenciada incorporando elementos novos. Para muitos, o kriol está desaparecendo na medida em que é 'aportuguesado'. Eu não acho isso. Pelo contrário acredito eu que é uma característica indelével das línguas emprestar elementos de outras línguas que constitui a sua exterioridade.

Criol guarda uma vasta economia moral, mas não deixa de ter a sua zona de contradições e conflitos que faz entre a inclusão, estabelecendo maior coesão da comunidade dos falantes, e a exclusão de uma massa de não falantes, localizada majoritariamente na zona rural, chamados de Djintis di ponta. Nas festas, nos carnavais como nas canções populares, o kriol é a língua do côro geral. A sua presença é sentida nos cantos peculiares dos nossos galos, nos toques de djambadon e de bombolon, nos gestos litúrgicos de cada rito, em cada veneração dos nossos antepassados, ancestrais ou Heróis. O kriol é vitalício! Nos enigmas, tabus, no entusiasmo e nas nossas formas de "tchepeta". As nossas canções de ninar criança carrega uma sabedoria formativa para crianças e para quem mais a escuta. O kriol é a epifania da nossa índole. É a luz que ilumina nosso mundo; o brilho da nossa negritude.

Na minha simples e humilde opinião, em respeito a capacidade de criação do povo bissau-guineense a língua que a muito chamamos de kriol de Guiné Bissau, deve ser chamada de língua guineense.

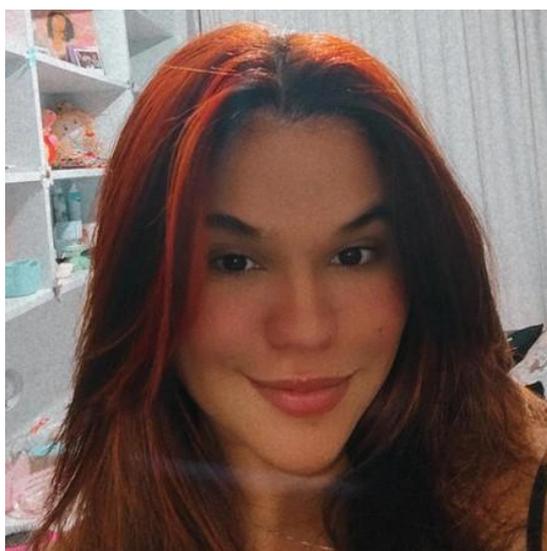


# REPRESENTANTES DISCENTES DO CURSO DE LETRAS

Nós convidamos a representação discente do Curso de Letras para que alguns/algumas fizessem parte efetiva da equipe do Jornal O Ponto!!! Temos a honra e a alegria de apresentar a todes essas pessoas tão importantes para o Curso, para a UNILAB e para O Ponto!!!

Beatriz Trindade

Natural de Salvador-BA. Estudante do terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês (BAHIA). Representante discente do colegiado de Letras- Língua Portuguesa.



Janáina Costa

Natural de Santo Antônio de Jesus - BA, Estudante do terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês (BAHIA), Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É monitora no Programa de Bolsa de Monitoria (PBM) na modalidade presencial/remota. Representante discente do Curso de Letras e membra do projeto de extensão Jornal o Ponto/ Sem Ponto.



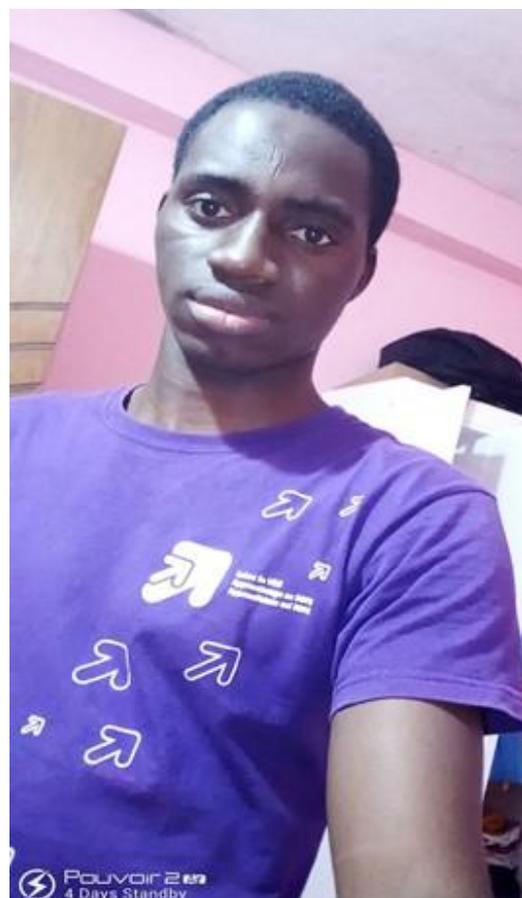
## Mirian Brito

Natural de Salvador, Bahia, Brasil. Estudante do quarto semestre do Curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, Bahia, Brasil. Representante discente do colegiado de Letra. Membro do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global. Integrante do projeto de extensão Jornal o Ponto/Sem Ponto.



## Silva Martinho Cá

Natural da Guiné-Bissau, estudante do quinto semestre do curso de Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA). Representante estudantil do Colegiado deste mesmo curso. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).



# QUAL A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE, QUAL O PAPEL DA REPRESENTAÇÃO, O QUE ESSES ESTUDANTES FAZEM NO CURSO DE LETRAS E NA UNIVERSIDADE?

A representação discente tem como principal objetivo garantir os direitos dos/das estudantes dentro da instituição de ensino da qual fazem parte. Esses estudantes representam o interesse de toda a comunidade estudantil na universidade para que, de forma democrática, os/as demais estudantes tenham seus direitos reservados. Dessa forma, garante-se uma representatividade que possa expor suas opiniões, necessidades e dúvidas, procurando contribuir para a qualidade de ensino ao longo da sua formação acadêmica.

A representação estudantil cumpre um papel na formação ético-política dos estudantes na universidade, participando das reuniões de colegiado, com professores e coordenação de curso, integra o Diretório Central Estudantil da universidade (DCE) e participa de reuniões que envolvem toda a comunidade acadêmica.



## RODA DE CONVERSA COM OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS DO CURSO DE LETRAS

A representação discente do Curso de Letras-Língua Portuguesa convida os estudantes internacionais do curso, estudantes que entraram em 2020.2 e 2021.1, para uma Roda de Conversa que visa aumentar conhecimentos sobre a nossa universidade e sobre o curso de Letras. A Roda de Conversa também contará com convidados/as que trarão grandes contribuições. A nossa atividade será realizada remotamente no dia 22 de fevereiro de 2022, às 14:00 pelo horário de Brasília, via google Meet. Será disponibilizado um certificado com carga horária de 3h aos participantes, a qual será benéfica para efeitos de conclusão de curso.



# Reflexões a respeito do contexto abolicionista no Brasil

Ideias baseadas nas falas de Sidney Chalhoub, historiador e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.

Joanderson Oliveira  
Acadêmico de Letras - Língua  
Portuguesa - UNILAB

A partir de uma entrevista de Sidney Chalhoub – historiador e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp – dada a Mônica Teixeira, no programa Cursos Livres Univesp TV, destaquei algumas reflexões acerca de aspectos da abolição e de como viviam as pessoas escravizadas em nosso país nesse período abolicionista.

Havia no Brasil um controle social dos senhores sob os escravizados através da alforria, mesmo havendo a cobrança de uma taxa mais alta que outros países. Chalhoub fala sobre a rede de relações pessoais existentes, contando que havia situações em que supostamente um “homem de cor” era detido pelas autoridades, e tinha como estratégia se passar por escravo, mesmo sendo livre, para não ficar à mercê do governo racista. Ele invocava seu senhor que, muitas vezes, nem tinha essa relação de senhor e escravizado, mas geralmente se tratava de uma pessoa com influências na sociedade, alguém que tinha o poder de livrá-lo daquela determinada situação.

Uma questão curiosa que o entrevistado resalta é sobre como os escravizados eram tidos como objetos/bens materiais, sub-humanos de fato. Eram parte de heranças, compunham inventários e tudo mais. Entretanto, o curioso é que, contudo, diante da justiça criminal, eles respondiam como pessoa individual. Essa contradição, deixa evidente o quanto os governos se debruçavam sobre o que era benéfico para eles e para os homens ricos e influentes.

Eu fiquei muito curioso e envolvido com a explicação do Prof. Sidney sobre as questões políticas no cenário escravocrata, nas quais se exigia que os eleitores e candidatos políticos se enquadrassem nas regras econômicas estabelecidas pela constituição da época.

Ou seja, só poderia votar ou assumir cargos mais altos aqueles que fossem ricos e tivessem uma fortuna de valor igual ou maior que aquela posição exigira. Esses mesmos requisitos eram também exigidos para a ocupação de outros cargos públicos. Compreende-se que apenas pessoas com poder aquisitivo podiam criar leis e afins. Dessa forma, a sociedade continuava sendo governada por ricos e para ricos.

Uma outra questão que me despertou reflexões foi o processo abolicionista em nosso país, pois havia toda uma economia baseada na escravidão e havia resistência de muitos escravocratas, uma vez que a abolição viria sem indenização. Em determinado momento da história, Rui Barbosa, que era ministro da fazenda à época, fez uma afirmação dizendo que era “antes indenizar os ‘escravos’ por terem sido ‘escravos’, do que os senhores por tê-los como ‘escravos’”. Além de mandar queimar as listas de matrículas (documentos de registro dos escravizados) das repartições públicas, a fim de acabar com as provas de que aqueles senhores possuíam determinados escravizados. No entanto, agindo assim, ele eliminou para sempre a possibilidade daquelas pessoas do continente africano, ou seus descendentes, conseguirem provar quem eram e voltarem para onde haviam sido arrancados com tamanha impiedade.

No final da entrevista, o historiador destaca como o racismo estrutural age em nosso país atualmente e aponta de maneira cirúrgica, métodos que resolveriam, mesmo que parcialmente, porém de maneira assertiva, a questão da desigualdade social, e a dívida histórica que o país possui com a população preta.

#### Referência:

Cursos Livres Univesp TV - História do Brasil – Abolição (Parte I): Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 2012. 1 vídeo (59 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5JouX1pQME>. Acesso em: 14 jan. 22.



# UM OLHAR SOBRE O RACISMO E A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

Ivanildo Carlos Gomes

Bacharelado em Humanidades Interdisciplinares  
pela Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Este texto tem por finalidade propor um olhar sobre o racismo no contexto da migração internacional, bem como trazer uma reflexão sobre a condição de vida dos migrantes africanos na Europa. Como é de conhecimento da maioria das pessoas, a migração internacional do continente africano para a Europa tem vindo a ganhar força cada vez mais. Porém, durante os últimos anos, vivemos acontecimentos históricos de migração internacional dita “migração clandestina”, na qual as pessoas arriscam suas vidas tentando entrar nos países europeus de uma forma ilegal. Portanto, o objetivo desse texto é compreender o motivo dessa migração clandestina por parte dos jovens africanos para países europeus.

Ao refletir sobre esta questão, podemos chegar à conclusão de que o que motiva essa migração internacional, não só as clandestinas, mas sim todas de forma legal, são, principalmente, as seguintes questões: falta de emprego no país de origem, fome, guerra, situação econômica precária, instabilidade política e questões de desastres naturais. Esses fatores, dentre outros tantos, são peças fundamentais para compreendermos essa relação de migração internacional por parte dos africanos para Europa. Muitos migrantes internacionais, ou pessoas que ainda vivem nos seus respectivos países, veem a migração internacional como uma forma de esperança e para “dar a volta por cima” na vida. Isso se justifica porque, muita das vezes, os migrantes internacionais, quando voltam para seus países, apresentam uma condição de vida bastante estável e melhor em relação ao que tinha antes – com exceção de alguns casos, porque nem todo mundo se dá bem na migração internacional.

Esse aspecto de superação motiva as pessoas de sua comunidade a verem a migração internacional como uma solução para sua vida, principalmente junto à camada juvenil da sociedade. Considerando a minha experiência já vivida na Guiné-Bissau, vi pessoas que acharam que as soluções para os problemas de suas vidas só seriam conseguidas com a migração internacional, seja ela por via legal ou ilegal.

Esses fatores supracitados demonstram o grau de esperança, confiança e credibilidade atribuído à migração internacional por partes de alguns guineenses. Entretanto, considerando este fenômeno, primeiramente procura-se entender uma série de questões, como: O que motiva uma pessoa deixar seu país e suas famílias para tentar uma nova vida num outro país? O que o Estado tem feito para evitar/diminuir essa onda de migração clandestina? São questões necessárias para podermos ter a mínima noção sobre o que motiva a migração internacional. E para responder estas questões relaciono-as com a minha realidade tendo em conta a minha experiência pessoal. Por isso, utilizo a Guiné-Bissau como meu ponto de referência para tal análise.

Como falei no início, para que possamos entender o que motiva uma pessoa a migrar de seu país para outro, primeiramente devemos analisar qual é a taxa de desemprego no seu país, a situação política em que o país se encontra, assim como a sua situação econômica. Importante destacar também se o país está em guerra ou não, e quais as condições naturais do momento. Então, ligando todos estes fatores no contexto da Guiné-Bissau, podermos perceber que o país ainda tem uma taxa de desemprego muito elevada. Por outro lado, a sua situação política não é estável e nem favorável para poder atrair empresários a investirem no país, o que contribuiria com a oferta de empregos. Visto que o país vive uma instabilidade política profunda há vários anos, o sector econômico, não é diferente. O poder econômico se encontra concentrado nas mãos de um pequeno grupo das pessoas que dominam o cenário guineense. Com essas informações, fica possível intender quais são os principais motivos da migração internacional por parte dos jovens guineenses para a Europa.

Viro, agora, o meu olhar para ocidente, como forma de relatar e expor as formas como esses migrantes são tratados no contexto internacional. Como sabemos, a Guiné Bissau e a Europa não têm mesmo tipo de clima, o que consiste num dos principais fatores para dificultar a vida dos migrantes nos seus primeiros momentos, levando até à perda de vidas no caso daqueles que não têm abrigos. Também, há a questão do relacionamento entre os guineenses e os estrangeiros não costumar ser tão amorosa. O relacionamento entre duas pessoas de perspectivas históricas diferentes sempre gera desconfiança, ainda mais entre europeus e africanos, que já são criados tendo por base narrativas de superioridade racial dos brancos em relação aos negros.

Isso acaba por gerar conflitos e medo, porque os europeus sempre acham que os estrangeiros estão se aproveitando da sua economia, de seu Estado e desfrutando de boas coisas de seu país, o que provoca ataques xenofóbicos e atos racistas diversos.

Os trabalhos/funções que migrantes internacionais desempenham na Europa são realizados em condições precárias e os lugares que eles ocupam nos serviços são de baixo nível, às vezes até em situações desumanas, o que mostra o quão é elevado o nível de racismo estrutural, e o quão alto é o preço da migração. A ideia de que as pessoas ganham conforme a hora trabalhada é uma utopia e não corresponde minimamente à verdade, porque passa-se horas e horas trabalhando e o ganho não corresponde aos trabalhos feitos, ou seja, quanto mais a pessoa pensa que ganha, a empresa ganha mais ainda. Essa é uma lógica que faz as pessoas venderem as suas forças de trabalho sem ganhar o que mereciam.

Com a COVID-19, as coisas pioraram ainda mais, considerando o aumento de desemprego e a redução de poder de compra, o que complicou, ainda mais, a vida dos migrantes. As empresas usam a justificativa da falta de procura por bens de consumo e serviços, o que resulta na destituição de alguns funcionários. Em consequência disso, a situação vigente em que os migrantes se encontram é muito lamentável. São constantemente confrontados com expressões xenofóbicas do tipo “Voltem para vossas terras e deixem de tirar proveito de nossa economia!” Expressões como essas mostram a crueldade de tratamento com os migrantes africanos, que sentem-se amedrontados por tentarem uma melhor condição de vida. Essa discriminação está presente em atos violentos ainda maiores, como espancamentos e até na morte dos migrantes. Para além disso, os migrantes são confrontados com atos racistas em seu dia a dia, no transporte público, nas ruas, nas lojas etc. Outra coisa não menos importante são os estereótipos que são criados pelos europeus para com os migrantes do sul global, de modo geral migrantes africanos “guineenses” e latino-americanos. São vistos como traficantes e empregadas domésticas. Por outro lado, migrantes árabes ou muçulmanos são vistos como terroristas.

Não podemos deixar de destacar o papel fundamental das redes sociais no cenário migratório internacional. As redes sociais servem como um elo entre os migrantes com suas famílias e até entre os migrantes, pois, consistem em uma das peças fundamentais para permitir a troca de informações entre eles, no sentido de entender melhor as sobre para qual país se deve/pode migrar e como os migrantes são tratados nesse país. Também funcionam como uma plataforma para denunciar mal tratos e abusos.

Sendo assim, com base nos argumentos apresentados nesse texto, é possível destacar algumas ideias como possíveis soluções para a questão migratória, como a da Guiné Bissau. O Estado de origem dos migrantes tem papel fundamental nesse processo, no sentido de organizar políticas econômicas que diminuam o índice de desemprego e favoreçam a criação de trabalho e emprego no país. É igualmente importante que as situações de perseguição política sejam revistas, para que a democracia, de fato, seja estabelecida. O Estado guineense tem que assumir a responsabilidade no sentido de combater o desemprego, criar políticas incentivadoras para que os cidadãos e cidadãs permaneçam num país com estabilidade política e segurança.





POLITICAMENTE  
*letrando*

## ELEIÇÕES EM ANGOLA 2022

Joaquim Silva Gaspar

Graduando em Relações Internacionais, pela  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB-MALÊS)

Acredito que o pleito eleitoral deste ano em Angola, acabará por diferir dos outros demais pleitos já realizados no país. Em primeiro lugar, consiste na celebração dos 30 anos desde à realização das primeiras eleições presidenciais e legislativas em Angola. E um dado muito interessante é que foi quando o país abandonou o monopartidarismo, e abraçou o multipartidarismo, fruto do primeiro acordo de Paz de Bicesse assinado entre o Movimento de Libertação Popular de Angola (MPLA) e a União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA).

Em segundo lugar, consiste nos 20 anos de paz que Angola está, desde a assinatura do Memorando de Entendimento do Luena, em que começaram as negociações entre as tropas governamentais e a UNITA. Em 4 de abril de 2002, em Luanda, foi o fechamento do Memorando, com a criação de um Governo de Transição que incluía alguns quadros da UNITA. Com esses dois momentos históricos surgiria um questionamento que nos colocaria a pensar: será que Angola é verdadeiramente um país democrático? Minha resposta é: Não! Estamos muito distantes do que é uma verdadeira democracia! Tem alguns que podem dizer-me, de acordo com esse meu questionamento, que "SIM"! Se a resposta for essa, então farei mais outros questionamentos: Como pode ser um país democrático, se o Partido que governa se põe na posição de Estado? Como pode ser um país democrático, se não existe liberdade de expressão, e a opinião pública e a imprensa servem para desinformar? Como pode ser um país democrático, se o Presidente da República – em simultâneo é o Presidente do MPLA – utiliza as instituições estatais para perseguir e caluniar o seu adversário político, o líder do maior partido da oposição? Como pode ser um país democrático, se ainda existe uma política de silenciamento e do medo? Como pode ser um país democrático, se as eleições nunca foram justas e livres? E como pode ser um país democrático, se os governantes são as pessoas envolvidas nos maiores escândalos de corrupção, crimes de peculatos contra bens públicos?

Existem enormes questões que ainda ficaríamos sem encontrar uma real resposta. Das 4 eleições já realizadas em Angola – 1992, 2008, 2012 e 2017 – sempre quem ganhou foi o partido que governa Angola há mais de 40 anos, o Movimento de Libertação Popular de Angola (MPLA). Angola vive em uma profunda crise econômica desde 2014, com a queda do preço do Barril de Petróleo no mercado internacional. De igual modo, com o surgimento da pandemia da Covid-19 que assola o mundo desde 2020, a situação socioeconômica do país ficou deplorável. A moeda nacional, que é o Kwanza, perdeu a sua valorização, fazendo que os preços das cestas básicas subissem a cada dia que passa. Além de possuir um índice de desemprego tão elevadíssimo.

Nos últimos anos, a governação do MPLA tem sido alvo de muitas críticas por parte dos fazedores de opinião da sociedade civil angolana. As repressões policiais e detenções arbitrarias surgem com enorme frequência. Pelo enorme descontentamento da população com a governação de João Lourenço, olham no maior partido da oposição a pessoa do seu líder Eng.º Adalberto da Costa Júnior, que, pela sua verticalidade e carisma, conseguiu conquistar a população. Ele é tido como candidato favorito para estas eleições presidenciais. Se as eleições em Angola dependessem do povo, acredito que ele poderá vencer as eleições, porém não confio fielmente nas instituições como a Comissão Interministerial Eleitoral (CIE) e a Comissão Nacional Eleitoral (CNE). As contagens dos votos por essas duas instituições não têm sido justas, e elas não são instituições democráticas.

Do jeito que são as eleições em Angola, o partido que governa para se manter mais no poder já deve estar a arquitetar as suas estratégias para ganhar as eleições presidenciais deste ano. Obviamente, quando começar a decorrer o período das campanhas eleitorais, constataremos a compra de votos da população, que normalmente ocorre nesses períodos em que o MPLA corrompe os cidadãos angolanos.

O cenário político atual angolano acaba por ser muito tenso. Vários comentadores políticos angolanos acreditam que, da forma que o país caminha, Angola pode enfrentar uma instabilidade política e, como alguns políticos da oposição já acreditam que se enfrenta, uma dessas realidades que pode ser mencionada são as frequentes manifestações que acontecem em todo país. Recentemente, na capital Luanda, no presente mês, a classe dos Taxistas resolveu fazer uma paralização durante dois dias, o que acabou por ter uma repercussão muito grande ao nível nacional, conseguindo chamar a atenção da classe política angolana. Uma das causas desta paralização dos taxistas consistia nos repúdios aos maus tratos que têm sido alvos por parte de alguns cidadãos e por certos reguladores de tráficos. Eles pediam encarecidamente a valorização dos seus trabalhos, que inserissem os seus respectivos nomes na segurança social por serem a principal classe que paga a taxa de circulação. Esperamos que essas tensões se reduzam no período que se veem realizando as eleições, marcado para o mês de agosto do ano em curso. No entanto, acreditamos que, esse ano as eleições em Angola serão diferentes em relação os anos passados, sendo que a população angolana despertou do sono e vive na esperança de um país democrático e emancipatório.



João Lourenço (MPLA) - atual Presidente de Angola



Adalberto da Costa Júnior (UNITA) - mais forte candidato de oposição





Organizado por Maria Isabel Santos

## METADE

A tua companhia  
já não sinto  
mas apesar da ausência  
tua presença é constante na solidão.  
Quando meu coração  
te procura e os meus  
sentidos apura,  
nada encontra no  
meio do tudo.  
O silêncio responde.  
E no silêncio busco  
a tua face.  
E num disfarce  
tento escutar a tua voz  
ou algo que me traga  
alguma lembrança  
remeto-me aos meus tempos de  
criança  
e você, lá está .  
Quando vem a  
solidão e a saudade  
nas metades te  
encontro.  
O teu sorriso, a tua voz,  
o teu abraço, teu acalanto .  
Sempre vão estar  
nos nossos momentos.

Marinalva Souza Oliveira – Estudante  
de Letras – UNILAB/BA  
(Marina Sol)





# bell hooks, presente!

No final de 2021, a humanidade perdeu uma de suas maiores pensadoras e batalhadoras em prol do movimento feminista. O Ponto presta, aqui, sua homenagem, destacando a importância dos ensinamentos de bell hooks para todos nós.

Por Emilson N'Dame

Para os movimentos feministas e simpatizantes do feminismo, pessoas que erguem as vozes contra a hierarquia e a injustiça baseadas no gênero, sobretudo contra as mulheres, e contra as mulheres negras, 2022 começou com lembranças paralelas. Isso porque o seu desaparecimento físico exterioriza o reconhecimento epopeico da pessoa que ela foi e o que suas obras são para o movimento feminista e não só. bell hooks, aquela que é considerada uma das maiores pensadoras do feminismo e do feminismo negro, teve os seus dias finalizados no último 15 de dezembro. Fisicamente, a grande pensadora não está mais entre os presentes desse prazeroso e turbulento planeta, mas suas ideias jamais morrerão.

Vamos falar de hooks! A primeira impressão que ela deixa nas/para as pessoas que a lê está no uso da letra minúscula em seu nome e sobrenome. Um gesto alheio e profundo para quem é devoto da tradição, já que é categórico que os nomes tenham as iniciais maiúsculas. No entanto, à medida que a leitura da pessoa vai se passando da introdução aos títulos e capítulos, a tal estranha sensação quanto à primeira letra nos nomes da autora se perde. Perde, porque a didática pedagógica dela tem uma preocupação menor com os títulos pessoais e se centraliza no lúcido ato do pensar, construindo e expondo o saber.

A outra forma mais comum de lembrá-la é como ativista e intelectual negra que estima a luta pela igualdade de gênero. No entanto, é indispensável mencionar que suas escritas não estão centralizadas apenas em questões do gênero, porque elas carregam uma leitura interseccional (conceito somatório de fazer abordagem). Portanto, ela, assim como Angela Davis e outros grandes nomes, revela que não se pode discutir o empoderamento feminino ou teorias do gênero sem fazer uma relação precisa de causa e efeito, ou seja, sem fazer ponte com as teorias de classe, raça, sexismo e capitalismo, sendo que esse último é a base de tudo.

Obviamente é impossível falar com detalhes da grandiosidade de bell hooks num texto como este, porém cabe aqui ressaltar algumas de suas ideias de destaque. Na sua obra “Ensinando o pensamento crítico”, anotou que a educação enquanto fundamento da colonização transformou as salas de aulas em um lugar sem integridade, posto que ela tem sido praticada num movimento espiral, isto é, ensinar como se foi ensinado. Portanto, ela conta que, para reverter essa lógica do pensamento hegemônico que tem criado auto-fraqueza, sobretudo às mulheres, e auto-ódio aos negros e às negras, é necessário questionar o discurso hegemônico e ter a consciência da própria história.

No livro “Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e o feminismo” que é o primeiro de muitos, envolveu-se em demonstrar o impacto do sexismo, de maneira específica com as mulheres negras, afirmando que se o racismo é o ponto da divergência entre homens brancos e negros, o sexismo é o ponto que os une. Ali, nessa obra, mostrou que o poder econômico é base do patriarcado, de modo que os homens, negros em específico, sem poder financeiro são tidos como afeminados. Dessa forma, fica evidente que sem o sistema capitalista dominado pelos homens, brancos na sua maioria, o sexismo e o patriarcado teriam sido menos opressivos (inexistentes) sobre as mulheres.

Ademais, em seu outro escrito “O feminismo é para todo mundo”, abordou uma temática (conceito) vital para o empoderamento das mulheres. Trata-se da “sororidade”. Segunda ela, o termo surgiu como uma forma de desafiar o pensamento inculcado pelo patriarcado e enfraquecer o sexismo, permitindo que haja uma relação afetiva entre as mulheres. Relação que baseia-se no comprometimento de todas as mulheres no sentido de unirem as forças para lutar contra o sistema patriarcal e contra as estruturas da injustiça fundamentada no gênero. Além da contraposição ao patriarcado e sexismo, a sororidade tem sido uma irmandade político-social para as mulheres se apoiarem mutuamente.

Enfim, o seu desaparecimento físico representa uma combinação complexa da escuridão e luz para a classe intelectual, no mais às mulheres. bell hooks, apreciadora das ideias de Paulo Freire, é autora consagrada e, diria, necessária, para a formação de educadores, com mais de 30 livros e vários artigos publicados.



**Sem ponto**

O PODCAST DO  
JORNAL O PONTO!



**PALAVRAS DA  
COORDENAÇÃO**

**#Revolta dos Malês: 25 de janeiro de 1835.**

**A Revolta dos Malês ocorreu em 25 de janeiro de 1835 em Salvador, capital da Bahia e foi a maior rebelião negra contra a escravidão ocorrida no Brasil, reunindo mais de 600 africanos escravizados que lutaram pela sua liberdade.**

**O termo malê tem origem na palavra imalê, que significa "muçulmano" na língua iorubá e os malês foram negros de origem islâmica que organizaram o levante.**

**Desde que a escravidão começou no Brasil, o descontentamento dos escravos com a situação que viviam era imenso, o que impulsionou a luta de muitos líderes – a maioria nagô: Ahuna, Pacífico Licutan, Nicobé, Damalu, Gustar, Manoel Calafete, Luís Sanim e Dandará.**

**A revolta teve um forte envolvimento com o islamismo, e isso ficou perceptível porque os rebeldes foram para as batalhas vestindo um abadá branco, traje típico muçulmano, além dos amuletos malês no pescoço e nos bolsos. Alguns deles tinham rezas com passagens do Alcorão. Os amuletos eram feitos por artesãos muçulmanos, em sua maioria líder do levante, como forma de abençoar aqueles que iam à luta em busca da vitória, já que eles acreditavam que esses amuletos protegiam seus corpos.**

**Foram muitos combates que se espalharam pelas ruas de Salvador, resultando em mortes. Muitos africanos foram encurralados e tentaram fugir pelo mar, acabando afogados.**

**Ao lembrar da Revolta dos Malês em 25 de janeiro de 1835, que possamos nos inspirar nas lutas daqueles que nos antecederam!**

**Wânia e Lavínia**



# O Ponto



Dúvidas?  
Críticas?  
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

[jornaloponto@unilab.edu.br](mailto:jornaloponto@unilab.edu.br)

Siga-nos em nossas redes sociais

